



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC II**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA**  
**CURSO DE LETRAS**

**ELIER SILVA DE ALCÂNTARA**

**A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA CULTURA ESPANHOLA**

**Campina Grande – PB**  
**Dezembro 2012**

**ELIER SILVA DE ALCÂNTARA**

**A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA CULTURA ESPANHOLA**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras com habilitação em língua espanhola.

**Orientador:** Prof. Alessandro Giordano

Campina Grande - PB

Dezembro - 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
CENTRAL – UEPB

A347i

Alcantara, Elier Silva de.

A influência da religião na cultura espanhola

[manuscrito] / Elier Silva de Alcantara. – 2012.

27f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Esp. Alessandro Giordano Campina Grande, Departamento de Letras”.

1. Idade Média 2. Cultura 3. Religiosidade I.  
Título.

21. ed. CDD 907

ELIER SILVA DE ALCÂNTARA

A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA CULTURA ESPANHOLA

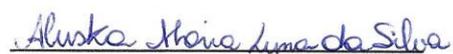
Aprovado em: 10 / 12 / 2012

 10,0

Prof. Esp. Alessandro Giordano

 10,0

Prof. Esp. Clebson Moraes de Assunção

 10,0

Prof.<sup>a</sup> Aluska Maria Luna Silva

MÉDIA: 10,0

CAMPINA GRANDE

DEZEMBRO 2012

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, porque devo a Ele a minha vida e toda conhecimento.

Ao meu pai, Antonio Pedro (In Memoriam), pelo seu bom exemplo de vida e pelo incentivo nas diversas áreas da minha vida.

A minha mãe, Corina, por ter me criado e ajudado diante das dificuldades.

A minha esposa, Alcione, por ser minha companheira fiel e me ajudado no decorrer desta trajetória.

A minha sogra, Francisca (In Memoriam), que nos ajudou e incentivou para prosseguirmos na realização dos nossos sonhos.

Aos meus filhos, Eli e Abner, pela compreensão nos momentos de ausência.

Aos meus colegas de classe, pelo companheirismo.

A todas os professores e professoras deste curso, em especial ao professor Alessandro Giordano, por seus esforços em nos ajudar e compreender na conclusão do curso.

## RESUMO

A partir dos traços de semelhanças e diferenças e de todo um percurso sistemático de comparação, refletiremos sobre algumas influências cristãs na Espanha. Problematizaremos as temáticas voltadas para o mundo da religiosidade, bem como as transformações relacionadas à identidade, analisando as relações entre cristãos, muçulmanos e judeus na Idade Média. Criticaremos a ideia de que as “raízes medievais da Europa” estão baseadas unicamente na cultura carolíngia, na ascensão do cristianismo e no estabelecimento dos reinos “bárbaros”. Devemos, pois, pensar em “culturas” medievais e não de uma única “cultura medieval”, considerando as profundas trocas culturais entre os povos, na intenção de expandir as fronteiras do conhecimento instituindo um estudo em torno da literatura no âmbito dos Estudos Culturais.

**Palavras-chave: Religiosidade. Idade Média. Culturas**

## RESUMEN

A partir de los restos de las similitudes y diferencias y todos de una comparación práctica sistemática, reflexionar sobre algunas influencias cristianas en España. Problematizaremos los problemas que enfrenta el mundo de la religión, así como los cambios relacionados con la identidad, el análisis de las relaciones entre los cristianos, los musulmanes y los Judíos en la Edad Media. Critica la idea de que las "raíces de la Europa medieval" se basa únicamente en la cultura carolingia, el surgimiento del cristianismo y el establecimiento de reinos "bárbaros". Por lo tanto, hay que pensar en las "culturas" de la Edad Media y no una sola "cultura medieval", teniendo en cuenta los profundos intercambios culturales entre los pueblos, con la intención de ampliar las fronteras del conocimiento sobre la institución de un estudio de la literatura en el contexto de los estudios culturales.

**Palabras-clave:** Religiosidad. Edad Media. Culturas

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>8</b>
<b>2.1 Jogo entre poderes .....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 A influência .....</b>	<b>10</b>
<b>2.3 A imagem do espanhol .....</b>	<b>14</b>
<b>2.4 A integração no mundo europeu .....</b>	<b>17</b>
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>22</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>24</b>

## 1. INTRODUÇÃO

No ano de 1896, Joseph Texte expressou esse trecho na aula inaugural da Universidade de Lyon: “Não há uma literatura nem talvez um escritor do qual se possa dizer que a história se encerra nos limites de seu país de origem” (1994, p. 35). O autor refletia o literário como um grupo de relações variadas que ultrapassariam fronteiras nacionais; via os pesquisadores como aqueles que iriam além do limite de origem, que poderiam relacionar nos textos o que lhes seria alheio e o que lhes seria próprio.

Cento e dezesseis anos depois do evento francês percebemos que há todo um percurso sistemático da comparação como estratégia de leitura e análise. Isso nos leva a alguns textos e documentos, auxiliando-nos a visualizar melhor, por exemplo, a situação atual da religião cristã e da identidade na Espanha.

Reflexões mais recentes sobre os processos da vida, da percepção, do pensamento e do conhecimento humano destacam a influência religiosa e a identidade como procedimentos fundamentais na formação humana. Desse modo, de mero processo de construções individuais concorrentes numa escala de tantas outras, a influência religiosa e a identidade passaram a representar um fator determinante nos processos de cognição humana. Onde quer que situemos os padrões do nosso conhecimento, serão possíveis admitir aspectos e momentos onde a influência religiosa e a identidade intervêm de forma determinante. Entendemos, cada vez mais, que tanto a religião como a identidade são vividas, corporificadas, reconstruídas e experienciadas no nosso dia a dia.

Atualmente, a historiografia espanhola também busca trabalhar as trocas culturais na Idade Média. A exemplo disso, temos o Colóquio em Valladolid (2002), que reuniu pesquisadores da Espanha e da Alemanha sob a direção de Julio Valdeon Barunque. O referido Colóquio tratou das relações da Espanha com o Sacro Império desde o reinado de Otto I e o Califado de Córdoba até o século XIII, tendo em conta as relações entre muçulmanos, judeus e cristãos. Este Colóquio deu origem à obra bilíngue *España y el “Sacro Império”: procesos de ambios, influencias y acciones recíprocas en la época de la “Europeización” (siglos XI-XIII)*. (VALDÉON, HERBERS, RUDOLF, 2002).

Pensar que a religião e a identidade são estudadas por pessoas de línguas diversas experiências e hábitos culturais distintos leva-nos a indagar sobre as múltiplas formas que elas se expressam. É o que verificaremos no tema escolhido. Para nossa análise, refletiremos sobre as questões religiosas e identitárias a partir do contexto espanhol.

## 2. JUSTIFICATIVA

A Península Ibérica é o espaço histórico para se analisar a convivência, as trocas culturais, as relações de tolerância e intolerância e as heranças culturais entre as religiões monoteístas dentro da Europa. O trânsito de intelectuais pertencentes às três religiões na Idade Média e seu trabalho conjunto nas traduções (BORGOLTE, 2006, p. 562-584). Por exemplo, enquanto a obra de Aristóteles era discutida em Paris no século XIII, muçulmanos, cristãos e judeus trabalhavam em conjunto na tradução e interpretação de textos aristotélicos na escola de tradução de Bagdá (séculos VII-IX d. C.). Essa mesma colaboração foi documentada na escola de tradução de Toledo (século XII-XIII), a qual traduziu os trabalhos do árabe para o latim.

A consequência de se utilizar intelectuais de diferentes idiomas no trabalho de tradução possibilitou a comunidade de tradutores e comentadores multiculturais ao longo destes quatrocentos anos na área mediterrânica. Estes intelectuais escreveram os comentários das obras traduzidas e empreenderam discussões entorno das fontes helenísticas, cristãs, judaicas e islâmicas.

No momento em que Michael Scotus chega à Paris em 1230 com as traduções da obra de Aristóteles feitas em Palermo e Toledo, essas já configuravam um produto da troca cultural entre cristãos, judeus e muçulmanos na Idade Média. (ENDRESS, 2004, p.2). Eis aí, exemplo importante das culturas mediterrânicas na formação cultural da Europa e de como é equivocado explicar a Idade Média a partir de modelos generalizantes, a exemplo do conceito de “Europeização da Espanha” (UBIETO, REGLÁ, JOVER, 1965), o qual considera a “Civilização” carolíngia como a gênese da “Civilização ocidental”.

A constituição da europeização da Espanha ocorre pela primeira vez na obra de Antonio Ubieto Arteta *Introducción a la Historia de España* publicada em 1965. Ubieto baseia esta definição a partir da introdução de costumes “europeus” no âmbito religioso e cultural da Península Ibérica. Por exemplo, a troca da liturgia visigótica pela romana, a execução das decisões oriundas do sínodo de Latrão (1059), e expansão da regra beneditina, especificamente da cluniacense, no Norte da Espanha.

Com a formação da União Européia e o grande movimento de imigração na Europa, o “antigo” continente vivencia o crescimento da diversidade de forma tão arrebatadora que não é mais possível tentar “encobri-la com o véu de uma sedutora uniformidade”. (BORGOLTE, 2005, p. 163). As consequências destes encontros, desencontros e reencontros culturais são perceptíveis no dia a dia e se apresentam sob a forma de resistência, repulsão e conflito,

também denominados pela mídia de “choques culturais”, ou ainda “choque de civilizações”, quando a imigração vinda dos países muçulmanos é referida. A intensidade destes acontecimentos leva à busca da diferenciação em relação ao “outro”, ou seja, à busca da afirmação da própria identidade, pois é grande o receio da perda de referencial frente às modificações de costumes e massificação da cultura. No entanto, as influências recíprocas, as trocas culturais e as mudanças são inevitáveis.

Nos últimos séculos formou-se uma visão negativa da Espanha, como exemplo de fanatismo e de intolerância religiosa. Junto a essa visão configurou-se na historiografia centro-européia dos últimos decênios, uma imagem extrema da Espanha medieval: a convivência das três religiões mediterrânicas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

Nesta visão negativa, percebe-se que o fanatismo religioso danificou e envenenou a coexistência pacífica dessas três religiões. A paradoxal confrontação de duas visões extremas (de um lado os extremismos muçulmanos e do outro, os extremismos cristãos), diante da realidade cultural e religiosa da península ibérica parece reclamar uma explicação de como se passou de uma sociedade –exemplo de tolerância e convivência pacífica – para uma sociedade de intolerância e de repressão ideológica. Nesse sentido, como seria constituída a identidade do espanhol?

O problema de *ser de España*, ou da identidade, era a preocupação dos intelectuais na era medieval, que tentavam compreender o homem espanhol e o que fundamentava sua identidade. Em *História Social e Ideologia das Sociedades* (1995), de Georges Duby temos dois estudiosos que explicam a compreensão da identidade espanhola:

Para Castro a explicação estava no passado medieval, numa suposta convivência harmônica entre as três culturas, que geraria a já citada forma de sociabilidade específica da Península Ibérica e que seria inexistente em outros lugares: seria nesse contexto de convivência entre os três grupos e das trocas culturais ali realizadas que se forjaria o homem espanhol. Sanchez Albornoz, por sua vez, discordava profundamente de Castro sobre a influência dessa convivência para explicar a identidade do homem espanhol, acreditando que traços essenciais da mesma estariam presentes já desde os visigodos, mudando muito pouco ao longo dos séculos: a “essência” espanhola já estaria dada muito anteriormente ao contexto do qual se ocupa Castro, e deveria muito pouco a essa convivência. (DUBY, 1995)

De acordo com a historiografia centro-européia, há uma tendência de identificar o Ocidente cristão com o Sacro Império Romano-Germânico cujo domínio acontecia através do imperador e do papa de Roma. O conflituoso eixo imperador-papa complicou-se com as pretensões da casa real francesa de apresentar-se como protetora do Papa e aproveitar-se das

vantagens que esse tratamento preferencial trazia para suas pretensões de domínio da área mediterrânea.

## **2.1 Jogo entre poderes**

Dessa forma, a história da cristandade ocidental até a ruptura da Reforma Protestante, era estudada como um jogo entre os dois poderes, o civil e o eclesiástico, isto é, entre o imperador e o Papa. Um jogo conflituoso que se centrava numa área geográfica limitada à Alemanha, França e Itália. Tudo o que ocorria politicamente fora dessa tríade, era considerado como periférico. A história dos outros países europeus foi sendo estudada quase que em função desse jogo conflituoso. Por um lado, temos a história política, por outro lado, temos a história unitária da cristandade medieval, que tem como ponto de referência a Universidade de Paris, local em que era o centro do pensamento cristão nos séculos medievais.

Na visão franco-germânica da cultura medieval, a área geográfica do Mediterrâneo ocidental desempenhava um papel secundário, pois pretendia ver a cristandade como um todo harmônico; a periferia mediterrânea seria algo que não atingia o miolo e a essência daquela pretensa unidade de religião e destino. O Mediterrâneo era visto como um ponto de encontro de diferentes culturas e religiões que só afetaria de modo acidental e exterior o conceito unitário que se foi formando da Europa cristã. A cristandade enfrentou os inimigos da fé comum européia, impedindo a pretensão da unidade cristã ocidental.

Por isso, a Europa teria se formado num espaço central interior e íntimo, e tudo o que diz respeito ao sul da cristandade ficaria decididamente à margem do acontecer histórico; seria algo acidental.

Percebemos, no entanto, a abertura e a ampliação do horizonte para a periferia européia, dirigindo a atenção para aspectos esquecidos ou menosprezados pelo idealizado panorama anterior, permitindo englobar todas as manifestações culturais dos séculos medievais, até mesmo aquelas que são controladas e dinamizadas por uma exigência de unidade e ordenação hierárquica.

## **2.2 A influência**

Durante muitos séculos, a Espanha foi um país de fronteira na cristandade ocidental; era a única região que vivia em contato direto com outras religiões. Esse contato não foi só de caráter conflituoso (desde o século VIII ao século XV), mas de manifestações de convivência

e de intercâmbio muito díspares. Desde a diáspora moçárabe até os levantamentos mouriscos do séc. XVI, o cristianismo espanhol ensaiou uma série de modelos de convivência entre os membros de várias religiões. Esses modelos serviam de reação a situações históricas e sociais muito variadas.

Os cristãos na Espanha viviam em contato com o Islã numa ordem social na qual os judeus desempenhavam um papel decisivo nos centros urbanos, tanto sob o domínio muçulmano como cristão, e isso teve enormes consequências para a identidade pessoal de cada indivíduo cristão numa sociedade multireligiosa. Um cristão no norte da França tinha necessariamente uma visão do mundo muito diferente da do cristão da Córdoba muçulmana ou, mais tarde, da fronteira do reino nazarí de Granada. O infiel para o francês era um ser humano fora da sociedade cristã, uma pessoa que não cria naquilo que fundamentava sua existência, mas era principalmente uma pessoa que existia, mas nunca a tinha visto. Esse cristão, fosse ele culto ou analfabeto, podia viver cem anos sem encontrar uma pessoa não cristã. Já para o cordovês, o infiel era uma pessoa de “carne e osso” com quem ele se encontrava todos os dias na rua e de quem podia necessitar assistência médica, de quem comprava pão ou berinjelas ou com quem tinha brincado quando era criança.

Desde que Juan de Mariana inventou o termo *reconquista*, para definir a expansão dos reinos cristãos peninsulares em direção ao sul, que os reinos cristãos, em princípio inimigos do Islã, praticaram, por razões de sobrevivência, uma generosa política de assentamentos e repovoamento ditada por motivos econômicos muito concretos, deixando em segundo plano, as considerações de caráter religioso. Segundo Caverro,

Os cristãos, que conseguiram salvar uma estreita faixa de território no extremo norte da península, começaram a se organizar de forma eficaz, tanto cultural e militar: os cristãos recuperaram muito central de Castela (Toledo, Madrid e de Guadalajara caiu aos cristãos durante os anos 1080 dC). O início da construção da catedral românica de Santiago de Compostela no ano 1075 d.C marca o início de grandes projetos de construção cristã em uma escala que rivalizava com os grandes palácios e mesquitas da Ibérica islâmica. No entanto, reconquista cristã não ganhou impulso até o século XII, principalmente devido as lutas internas entre os vários reinos cristãos. Na verdade, o herói cristão mais famoso da Reconquista, El Cid, passou grande parte de sua carreira lutando por um reino cristão contra o outro, e ainda passou algum tempo no emprego dos governantes islâmicos em Luta contra os cristãos. (CAVERO, 2007, p. 95-110).

Já nas cidades, os foros permitiam e garantiam o livre exercício da religião. Judeus e muçulmanos podiam viver em paz e sem temer perseguições. As complicadas estruturas jurídicas e sociais dessa difícil convivência ofereciam uma ampla superfície para conflitos de

todo tipo. A real tolerância, não se fundamentava nas premissas do moderno conceito de tolerância. Não por acaso, a tolerância religiosa tem hoje seu fundamento, seja na indiferença religiosa, seja no respeito à dignidade e à liberdade da pessoa.

Na Espanha medieval houve uma tolerância política que nunca foi ditada por reverência às outras religiões ou por respeito à liberdade do outro, mas, simplesmente, pela necessidade de integrar dentro do sistema político uma realidade social fática. Esta tolerância não comportou uma mistura ou assimilação das religiões. Os hierarcas das três religiões lutaram eficazmente pela manutenção das diferenças. A Igreja não se preocupou em fundamentar teoricamente a situação de fato: por um lado aproveitava de todas as vantagens que aquela circunstância singular lhe oferecia; e por outro, tratava de criar as condições para sua eliminação. Segundo Américo Castro,

a tolerante estrutura social medieval na Espanha foi o “resultado de um modo de viver e não de uma teologia” (1999, p.27). A Igreja e os representantes dos outros grupos religiosos eram teoricamente contra aquela ordem e não faziam nada para conservá-la. A Igreja oficial, em simbiose com o poder civil, aceitava esta situação sem canonizá-la. O resultado dessa situação foi uma sociedade multicultural muito diferente da uniforme cultura cristã no Ocidente, determinada fundamentalmente por um ideário clerical, quer dizer, pelos interesses de padres e frades.

O grau de cultura e formação científica de judeus, cristãos e muçulmanos foi, ao longo da Idade Média espanhola, muito diferente. Durante o domínio árabe foram os muçulmanos e sua classe dirigente os determinantes da estrutura cultural na Península Ibérica. Com o domínio cristão, a cultura dos muçulmanos, quase todos dedicados a ofícios agrícolas e artesanais, foi caindo paulatinamente, ainda que não se deva esquecer que esses muçulmanos sabiam ler, pois por exigências de sua religião tinham que recitar textos do Alcorão. A população judia foi conservando um alto grau de cultura e desempenhou na sociedade multi-religiosa sob domínio cristão, uma função portadora de cultura, exercendo ofícios que exigiam alto nível de alfabetização. A cultura judia registrou na Espanha medieval uma verdadeira época de ouro. Em suas almas não só se cultivavam as ciências relacionadas com o estudo da Bíblia, mas também seu alto nível cultural motivaram numerosos judeus a ocuparem postos na administração dos estados cristãos e exercerem uma enorme influência nas finanças e estruturas administrativas dos mesmos. Houve judeus também em outras partes de Europa. Fora da Espanha, porém, viviam marginalizados e tiveram que esperar o século XIX para se emanciparem e se afirmarem dentro da sociedade.

Devido ao alto nível cultural dos judeus, verificou-se um déficit cultural nas massas cristãs. A cristandade espanhola era uma sociedade de fronteira, uma sociedade que tinha encontrado sua identidade na luta contra o infiel. A ideologia da classe dirigente estava ditada pelas armas e não pelas letras. O rol de virtudes do cristão espanhol correspondia a uma mentalidade militar e a um ideário castrense sem concessões para manifestações de caráter cultural ou humanístico. Ao final da primeira grande expansão dos reinos cristãos no fim do século XIII, a cristandade espanhola fez enormes esforços para recuperar a tradição cultural muçulmana e afirmar sua hegemonia política no campo das letras. Com o apoio de intelectuais judeus procedeu-se, principalmente sob Afonso X, *El Sábio*, a uma tradução e assimilação do acervo cultural árabe (como a obra: *Cantigas de Santa Maria*). Esta ação não só proporcionou um enorme impulso para as estruturas jurídicas dos reinos hispânicos, mas também para a literatura e as artes plásticas.

A atividade cultural dos cristãos espanhóis, sobretudo na tradução da ciência árabe, influiu em toda a Europa e foi, sem dúvida alguma, a maior contribuição da Espanha para a cultura européia.

Esta cultura cristã, empapada de tradições muçulmanas e judias, que foi se estabelecendo na Espanha era substancialmente diferente da cultura clerical que se desenvolvia na Europa cristã ao sabor dos postulados teológicos e jurídicos das universidades de Paris e Bolonha. A cultura dos reinos cristãos não cultivava vínculos com a cultura da cristandade européia. Principalmente no pensamento jurídico eram ignorados sacrossantos princípios da tradição civil e canonista de cunho cristão. Os juristas da cúria romana e a ciência oficial desconfiavam dos fundamentos jurídicos da ordem social da cristandade espanhola. A famosa fundação de um colégio para estudantes espanhóis em Bolonha, promovida pelo influente cardeal Gil de Albornoz, tinha como finalidade primária a formação de juristas segundo o espírito do direito romano cristão tal como era concebido e praticado nos meios intelectuais da hierarquia eclesiástica.

O que se pretendia era deter o caminho especial e as estruturas originais da sociedade hispânica cujo direito estava influenciado pelas concepções do direito judeu e islâmico, que imperavam ainda em numerosas estruturas vitais da sociedade hispânica. Também as compilações de Raimundo de Peñafort, que tanto êxito tiveram na formação do Direito eclesiástico, contribuíram para estabelecer as bases jurídicas da sociedade cristã e para criar um corpo jurídico único e válido para toda a cristandade sob a clara e decidida superioridade do bispo de Roma.

O golpe decisivo na estrutura multicultural da Espanha foi dado pelos frades mendicantes. Os dominicanos e os franciscanos dependiam diretamente de Roma e estavam isentos da jurisdição territorial dos bispos. Toda sua ação pastoral era ditada pelos postulados monárquicos e exclusivistas do Papa romano. A formação intelectual dos frades era ditada pela Universidade de Paris, onde muito rapidamente ganharam força, determinando decisivamente o desenvolvimento da cultura cristã ocidental.

### 2.3 A imagem do espanhol

A cultura que se desenvolvia na Espanha sob a influência da ciência árabe e judia não estava em sintonia com os ideais unitários da cristandade. A ordem social que se impunha na Espanha era um escândalo do outro lado dos Pirineus. O modo de tratar os judeus era criticado dura e constantemente na Cúria romana. Na Espanha a convivência e o trato com os judeus não eram regulados pela rigidez que se impunha na Europa. Não havia normas sobre o modo de vestir dos judeus ou obrigações de tipo social. Os europeus constatavam na Espanha um estilo de vida fundamentalmente diferente do estilo de vida cristã no resto da Europa. Quanto mais estrangeiros visitavam a Espanha, tanto mais aumentava o escândalo e a incompreensão sobre formas de vida estranhas para o resto da cristandade. As diferenças tornaram-se mais visíveis, no momento em que os espanhóis começaram a atravessar os Pirineus.

A representação do desajuste entre o que é espanhol e o que é europeu, surge, principalmente, nas repúblicas marítimas da Itália, quando os hispânicos procedentes da borda mediterrânea da península ibérica, começam a mostrar suas pretensões de domínio nas ilhas do Mediterrâneo ocidental. Aos poucos, forma-se na Europa, uma atitude de reservas diante de tudo o que é espanhol. Os europeus viam a Espanha como um país de fronteira, não de todo cristianizado, com costumes diferentes, pelo mero fato de não se darem no resto da Europa, por terem alguns não-cristãos e por serem contaminados de islamismo e judaísmo.

O termo *espanhol* passou a designar tudo que é esquisito e fora da norma. Ainda hoje em alemão para dizer que uma coisa é esquisita *parece chinês* utiliza-se, em vez de *chinês*, a palavra *Spanish* (BUADES, 2006, p. 93). Os viajantes do resto da cristandade ocidental constataram naquelas terras, para eles tão longínquas como seria hoje para nós a China, regras esquisitas de conduta. Nas cortes e nas cidades notaram costumes esquisitos e comportamentos orientais que, unidos a uma presença massiva de membros de outras religiões, causaram estranheza, admiração e, em espíritos pusilânimes, temores quanto à

pureza da fé. O lema *Spain is different* (espanhol é diferente) já era uma realidade nas consciências europeias muito antes de seu uso pela propaganda turística.

Percebemos que a imagem da Espanha adquire as características *clássicas* de uma representação coletiva sobre uma nação e qualidades específicas de um povo. As afirmações sobre os homens da península ibérica são cada vez mais taxativas e negativas. Nelas expressam-se o medo de perder uma idealizada identidade cristã e a nítida ordem hierárquica correspondente.

Essa representação negativa transforma-se em lugar comum na literatura oral e escrita dos povos europeus. O espanhol é um mal cristão, uma mistura de judeu, cristão e mouro, meio judeu, meio mouro ou um cristão judaizante. Esta imagem se propaga principalmente, quando a casa real de Catalunha e Aragão começa a realizar suas pretensões imperialistas pelo mar Mediterrâneo. Aqueles mercadores, aventureiros, marinheiros e guerreiros mercenários que assolavam os centros do comércio marítimo na Itália setentrional ou entravam a sangue e fogo pelas terras da Grécia e da Sicília eram *hispanie* como tais eram denominados e temidos. As brutais aventuras do cavaleiro de origem germânica (Roger de Flor) ou daquele cavaleiro calabrês (Roger de Launa) a serviço de mercenários catalães entraram na história dos povos que as sofreram como obra de espanhóis.

É a imagem desses espanhóis a que ficava nos centros onde prevalecia a refinada cultura da nascente burguesia mercantil italiana. Por onde passavam, aqueles *hispani* impunham novos critérios de domínio, destruindo a formal e rígida estrutura social. O espanhol é odiado e identificado com um objeto já anteriormente odiado e desprezado pela cristandade: o judeu e o mouro. Os italianos viam na raça espanhola traços das odiadas raças judia e moura. Os espanhóis pertenciam a um povo impuro e procediam de uma sociedade não de todo ortodoxa, nem integrada à sociedade cristã.

Esta representação do espanhol, que com tanto cuidado e fidelidade às fontes, foi descoberta pelo pesquisador sueco Sverker Arnoldson e magistralmente interpretada por Pierre Chaunu, é o começo de algo que se pode, ou não se pode, chamar de *lenda negra*. Quer seja negra ou branca, o fato é que foi uma representação coletiva que deixou longo rastro. Essa imagem nascida na Itália propagou-se pelo norte da Europa como sequela das guerras de religião. Foi usada como propaganda bélica para desprestigiar o inimigo espanhol; para ajudar a deter a expansão de uma nação periférica defensora do Papa, identificando-a com as odiadas raças não cristãs.

Para o europeu, a Espanha é uma terra de raça inferior e de duvidosa ortodoxia. Esta representação coletiva foi se enraizando e fortalecendo porque nela se recolhiam somente

aqueles aspectos que "confirmavam" preconceitos já admitidos. Assim, na propaganda anti-espanhola dos franceses durante as guerras da Itália, o rei de Aragão é um *fis de marran et marrane*. Para o poeta alemão Opitz os espanhóis são *scheubliche Maranen, Scheinchristen und Dreckskerle* (horripilantes marranos, cristãos só de aparência e tipos porcos). Lutero, por exemplo, preferia ver a Alemanha dominada pelos turcos do que pelos espanhóis. Quer dizer: Lutero preferia estar sob o domínio dos árabes otomanos que sob o domínio dos judeus ou árabes magrebis.

Nesse contexto, a cristandade ocidental via na Espanha uma terra na qual não se havia realizado plenamente a cristianização. Quando esses meio-cristãos começam a dominar com seus exércitos o norte de Europa, ergue-se a consciência cristã dessas nações cobrindo com um manto "religioso" tendências nacionalistas e racistas. A visão tão negativa e insistente feria fundo a consciência e o orgulho dos cristãos espanhóis. A nobreza hispânica, que sempre se preocupou em demonstrar sua ascendência gótica, não se considerava menos cristã que ninguém. Acaso não tinham lutado durante séculos na vanguarda da fé defendendo e estendendo as fronteiras da cristandade?

O altivo fidalgo espanhol que constatava essa imagem negativa por toda a Europa não podia compreender como alguém podia pôr em dúvida a pureza de seu cristianismo. Sem este contexto não poderíamos chegar a compreender a extrema seriedade com que os espanhóis se empenharam durante séculos em demonstrar ao mundo a pureza de seu sangue cristão. Há todo um gênero literário que floresceu nos séculos XVI e XVII e que se poderia denominar *Laudes seu defensio Hispaniae* dedicado a fazer frente a essa propaganda negativa. Este tipo de literatura teve seu coroamento na magna e hoje, infelizmente, pouco lida e apreciada versão latina da *História da Espanha* do jesuíta Juan de Mariana, que página por página vai construindo uma idéia de Espanha em claro contraste com as representações negativas que ele tinha conhecido ainda muito jovem em suas estadas na Itália e na França.

Essas defesas da Espanha costumavam começar com a demonstração da pureza cristã de raça e fé dos habitantes da península ibérica chamados por Deus a serem uma ponta de lança na luta pela expansão do cristianismo. Verificamos que toda a impressionante montagem dos estatutos de limpeza de sangue, a burguesia traíndo suas origens numa esforçada corrida para conseguir cartas de fidalguia, a busca pela linhagem que marcaram a convivência espanhola nos primeiros séculos da modernidade são, em grande parte, a reação de orgulho e de raça feridos.

## 2.4 A integração no mundo europeu

Os espanhóis desejam mostrar ao mundo, a integridade de sua religião. Para os espanhóis, integrar-se plenamente na Europa, significava eliminar o passado judeu e muçulmano que a situação de fronteira tinha imposto à sociedade espanhola. Parece-nos que a Espanha deixou de ser uma sociedade aberta a outras culturas e religiões no momento em que pretendeu, a todo custo, integrar-se na cristandade européia. Uma cristandade que defendia um modelo de sociedade fechado, totalmente cristão, sem concessões a outras religiões ou formas de vida.

O modelo europeu de cristandade acabou com todas as tentativas de integração das outras comunidades religiosas e suas manifestações culturais no corpo social espanhol. A sociedade espanhola pretendeu cristianizar suas estruturas segundo o modelo europeu. O modelo espanhol cristão estava em contradição com a visão clerical e exclusivista da cristandade européia. A Europa exigiu da Espanha a reconquista de sua identidade cristã sem concessões a formas de convivência ou formas de cultura que punham em xeque a intolerante concepção exclusivista do *orbis christianus* onde só havia uma alternativa: crer em Cristo ou morrer. A Espanha deixou de ser tolerante, quando quis adaptar-se ao modelo de cristandade propugnado na Europa. No dizer de Pierre Chaunu: “a intolerância entrou na Espanha com ventos que vinham de fora” (In: BAUDES, 2006, p. 94).

A integração da Espanha medieval na cristandade européia tem um paradoxal epílogo. Aquela zona da cristandade acusada de certa negligência em aceitar as regras sociais comuns à cristandade medieval se converte, durante os primeiros séculos da Idade Moderna, em defensora radical de todos aqueles pressupostos que tanto lhe tinha custado recuperar. E quando uma Europa dividida em nações se preocupava e lutava por interesses particulares, não se interessando nada pelos programas de caráter universal que Roma e seu clero seguiam declamando, a Espanha continuava crendo e esperando contra toda a esperança que se podiam defender os sacrossantos valores de uma cristandade unida em um destino comum.

No altar da defesa desses valores universais não duvidava em sacrificar outros valores civis e obstaculizar o desenvolvimento dos direitos e liberdades do indivíduo, como impunham os novos tempos.

A Espanha, que mal tinha conhecido a Inquisição medieval, desenvolveu na Idade Moderna uma nova Inquisição cujo objetivo inicial foi o de erradicar todo o substrato judeu em seu corpo social. Um perfeito controle ideológico que se pôs a serviço de uns ideais obsoletos que nenhum estado a seu redor se atreveria, nessa época, a assumir.

Essa nova Inquisição tornavam as pessoas conscientes da situação real de um cristianismo que se considerava o centro do mundo e era na consciência de fronteira uma religião minoritária dentro desse largo mundo. Por isso não deixavam de criticar profunda e seriamente a visão particularista do cristianismo fechado, um cristianismo exclusivista ensimesmado em seus problemas particulares sem a visão universal e dinâmica do mandamento de Cristo no final do Evangelho de São Mateus: «ide pelo mundo e pregai o evangelho a toda criatura».

O resultado foi que a fé se estendeu, mas os costumes se corromperam. A Igreja se dilatou, mas a multidão dos pecados é cada vez maior. A virtude da fé e a inteligência dessa fé caíram por terra. Chegou, pois, à conclusão de que era inútil lutar na frente infiel quando a retaguarda continuava imersa numa total indiferença em relação a esse problema.

Com o surgimento de Raimundo Lúlio, um polígrafo e pensador medieval, que inaugurou a literatura catalã em prosa, que converteu-se em católico fervoroso, preparando-se científica e espiritualmente para a missão que Deus lhe havia encomendado: converter os infiéis à religião católica. O método que Raimundo Lúlio utilizava, era a pregação a conversão mediante o diálogo. Por ter assumido conscientemente sua experiência de homem de fronteira, seu pensamento, embora de difícil compreensão, tem estado presente na história intelectual da Europa desde a Idade Média, passando pelos sonhos de uma ciência universal no Renascimento, até as discussões sobre o método científico da primeira modernidade. Graças à sua coerente maneira de encarar a realidade cristã, para elogiá-lo ou para censurá-lo, Raimundo Lúlio tem sido estudado por parte de pensadores das mais diversas orientações. A pacífica figura do leigo Raimundo procurou, ao longo de toda a sua vida, a concórdia da cristandade.

Por isso o termo *conversão* em Lúlio tem um duplo uso: aplica-se à aceitação da fé cristã por parte do infiel e também a aceitação por parte do cristão de suas obrigações para com o infiel. O cristão, mesmo enserido nos problemas internos de seu entorno social, deve ampliar seu horizonte em função do ideal que informou toda a existência de Lúlio e que formulou com toda clareza na primeira de suas obras, o *Libro del gentil y de los tres sábis* (livro do gentio e dos três sábios), que se encontra no manuscrito da British Library Add. 14041. O livro trata da história de um gentio que não sabe para qual religião monoteísta quer se converter. Utilizava os três sábios (judeu, mulçumano, cristão) para ilustrar a história, ensinando as definições fundamentais de cada fé e os dogmas sobre os quais se constroem suas teologias. O pensador concluiu que as três religiões tinham muito em comum.

Esta visão utópica da humanidade é para Lúlio, uma realidade alcançável pela simples razão de que tal unidade é Deus quem quer. Se não foi alcançada e parece tão distante é por falta de vontade dos que têm em suas mãos os meios para realizá-la. O pensamento luliano se explica a partir dessa experiência de homem de fronteira em contato com um cristianismo que não cumpre sua função de ser elemento de unidade para toda a humanidade. Lúlio exige dos cristãos que vivam conscientes de seus limites, de suas fronteiras e que orientem sua existência individual e coletiva para a conversão de todos ao único Deus. Que saibam olhar para fora, passando por cima dos conflitos e pequenezes de sua administração interna.

Além do método de Raimundo Lúlio, houve outro meio encontrado para lutar contra a heresia que proliferaram por toda a Europa ocidental, foi a Inquisição, também chamada de Tribunal do Santo Ofício. Essa inquisição significou uma instituição eclesiástica ocorrida durante os séculos XII e XIII. Somente a partir do século XV, a Inquisição adquiriu novos contornos nos reinos peninsulares, transformando-se em instrumento de defesa da fé e de consolidação do poder real.

As principais características dos métodos da Inquisição passavam pelo princípio do sincretismo judicial, em que o acusado não sabia quais eram os cargos que pesavam sobre ele, nem quem o havia denunciado. O acusado era torturado para arrancar as diversas confissões. No momento em que os inquisidores consideravam que o acusado era culpado de heresia:

(professar o criptojudaísmo, manter práticas mulçumanas mesmo após ter se convertido ao catolicismo, pregar teses protestantes, negar algum dogma da Igreja ou praticar feitiçaria), este era “relaxado”, ou seja, entregue ao braço secular, para proceder à sua execução. As execuções dos réus da Inquisição eram espetáculos de massas celebrados com toda a devida pompa. Os réus percorriam a pé e vestidos como o *sambenito* o caminho que separava as dependências do Santo Ofício da praça pública em que se efetuariam o auto-de-fé. Entre hinos e atos litúrgicos, proferia-se o anátema contra os hereges, liam-se publicamente as condenações e praticavam-se as execuções, que podiam chegar à morte, com o réu queimado ainda vivo na fogueira. (BUADES 2006, 93)

Tanto os reis portugueses quanto os espanhóis usaram o Tribunal do Santo Ofício de maneira impiedosa, abrangendo todos os territórios contra os opositores políticos. Para a população, o Santo Ofício era sinônimo de medo e de arbitrariedade. O poder dos inquisidores junto à impossibilidade de defesa dos réus, e às graves consequências que uma punição caía sobre a família reforçaram o controle social sobre qualquer desvio ideológico ou moral.

No caso dos judeus, a tal convivência pacífica acabou no século XIV, devido à crise demográfica e a produção de *pogroms* que invadiram a Península Ibérica, e quanto aos bairros

judeus foram invadidos e incendiados. No século XV alguns pregadores eclesiásticos (por exemplo, Vicent Ferrer) recordando aos fiéis que os judeus haviam sido os responsáveis pela morte de Cristo. Segundo Buades (2006, p. 95), “circularam rumores que atribuíam aos judeus todo tipo de sevícias: poluição das águas, propagação de epidemias, crucifixão de crianças, agiotagem e exploração dos mais débeis”. A tentativa para colmatar as injustiças decorre da exposição e da –(re) criação detalhada do papel de unificar a Espanha política e espiritualmente, ganhou força no período dos Reis Católicos.

A coexistência de um grupo minoritário judeu no meio de uma população maior católica foi vista como um problema político e social. Os judeus foram expulsos no ano de 1483. No prazo máximo de quatro meses, os judeus deviam decidir se queriam ficar na Espanha como convertidos em cristãos ou irem embora sem recursos financeiros ou armas. A própria coroa contribuiria na circulação de certas representações negativas dos judeus, num esforço que teria de definir a identidade de súdito que é, por excelência o cristão. Como a afirmação da identidades e dá sobretudo em contraposição ao outro, não raras vezes nos deparamos com documentos de origem real circulando imagens negativas desses “outros”, como nas *Cantigas de Santa Maria*, por exemplo. É curioso que, portanto, a própria coroa, que tinha interesse em gerir as relações e mantê-las dentro de certa “ordem”, acabaria por contribuir na circulação de representações negativas que, embora não tivessem tanto peso nas relações cotidianas, poderiam atuar ganhar plena força em contextos de perturbações sociais. Poderemos argumentar que esta foi, apesar das consequências, uma atitude compreensivelmente humana. Terá sido.

Assim acontece, ainda, nos dias de hoje na Espanha. Grande parte da população se diz católica (76.0%), já que o número de praticantes seja muito pequeno. O restante da população não se identifica com nenhuma religião (20.3%), esse restante se define como ateu ou não crente. Há grupos pequenos de muçulmanos, protestantes e ortodoxos, que aos poucos, foi ganhando força, devido à imigração (2,1%). Há também os grupos de judeus, budistas, baha'is ou mórmons. Todavia, a população espanhola é pouco praticante, de acordo com uma pesquisa realizada pelo CIS, em julho do ano 2009, que demonstra 58,2% daqueles que se julgam definidos como crentes de alguma religião, e dizem não frequentar à igreja católica, assistindo à missa ou participando de outros ofícios religiosos; 17,0% das pessoas dizem ir várias vezes ao ano à igreja, enquanto que 13,3% participam de ofícios religiosos, quase todos os domingos e dias festivos; 2,0% participam várias vezes por semana dos ofícios

religiosos.<sup>1</sup> Isso ocorre de modos diversos e, todavia afins, em estudo realizado no período de setembro a dezembro do ano de 2008, com doze mil e oitocentos entrevistados, que traz a seguinte divisão religiosa na Espanha<sup>2</sup>: pesquisa galega *Obradoiro de Socioloxia*, realizado entre setembro e dezembro de 2008, com 12.800 entrevistados, mostra a seguinte realidade religiosa na Espanha: católicos praticantes 29,2%; católicos não praticantes 51,3%; não crentes 8,9%; ateus 7,6%; crentes de outras religiões 2,1%.

De acordo com o exposto, apresenta-se também como ilustração importante da forma como a abordagem da influência religiosa facultava importantes e interessantes relações ideológicas, pois mais da metade dos católicos não praticantes, não creem que Cristo foi Deus ou filho de Deus, que nascera da Virgem Maria, ou que ressuscitara no terceiro dia. 60% das pessoas não creem no céu nem no inferno; não creem nos milagres, em Adão e Eva, na criação divina do universo ou na sobrevivência da alma depois da morte. Assim também, um quarto dos católicos (praticantes e não praticantes) acredita na astrologia e na reencarnação. A Espanha de três culturas diferentes e da convivência de Américo Castro nos traz uma identidade comum que estivesse sendo cunhada de fato. Possivelmente há na Península Ibérica a convivência entre as três culturas, desde que não se pense unicamente essa convivência em termos de contatos harmônicos, nem que se minimizem as diferenciações sociais e jurídicas existentes entre os grupos nesse contexto.

---

<sup>1</sup>[www.religião% C3%A30 na Espanha#cite\\_note\\_CISO](#) Acessado em 10 de junho de 2012.

<sup>2</sup>[www.obradoirodesocioloxia.es/index.asp](#). Acessado em 10 de junho de 2012.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo percebemos a preocupação pela busca das origens, de remodelagem da identidade, de convivência com os modelos de cristão, desestabilizando o lugar a que outras pessoas pertencem, estreitando, também, a relação entre identidade e contexto. O cotidiano medíocre da cidade, a crise contemporânea de valores, o preconceito; tudo isso colocando os espanhóis diante de impasses de sofrimento, necessitando criar obstáculos imaginários ou tentando fugir da rotina das satisfações imediatas.

Os espanhóis são levados a aprender e a desenvolver as capacidades anímicas essenciais à sua transformação em cristão-europeu. Um cristão-europeu que, depois de tímidas e iniciais desobediências à ordem e às rígidas regras impostas pela hierarquia da cristandade européia, progressivamente enceta mais conscientes e ostensivos desafios, que lhes permitirão conhecer-se e conhecer os outros. Desta forma, tendo em conta que um dos sentidos que perpassa pelo xadrez cristão é, não só, mas também, o da procura, mesmo que inconsciente, de si mesmo.

Diante da descrença numa história capaz de reconciliar o homem e o mundo, essas contaminações religiosas e genológicas são resgatadas, muitas vezes, para que se apontem como ilusórias as certezas sobre as quais elas se erigiam: a de um mundo transparente e ordenado, a unidade coerente do “eu” e a do sentido teleológico da trajetória do homem.

Pode-se dizer que, em suas diferentes manifestações – tanto judeus, mulçumanos, islâmicos – é o homem prisioneiro de valores esvaziados, condenado a uma busca de si, mergulhado num estado de orfandade e que por isso vagam sem lei, sem identidade fixa.

A Espanha medieval e a Espanha moderna encenam o vazio existencial do ser espanhol, que diante da impossibilidade de levar a fundo as virtudes que a moral tradicional apregoa. Vão se transformando em outros seres errantes e desconstrutores, ou até mesmo em nostálgicos amargurados, que se movimentam, sem culpa, guiados pela moral religiosa. Sempre há, na condição humana, de acordo com Emmanuel Lévinas, em *Humanismo do outro homem* (1993, p.52), um rosto que se impõe “a mim sem que eu possa permanecer surdo ao seu apelo, ou esquecê-lo, quer dizer, sem que eu possa cessar de ser responsável por sua miséria”. Na Espanha, a religião é algo inseguro e angustiante, provocado pela sociedade. Isso acontece de tal forma, que a identidade não é uma condição ilusória, ou seja, o homem é um ser de linguagem e o sujeito só pode constituir-se na relação com o outro, real ou imaginário, exterior ou incorporado nele próprio.

Chegamos à conclusão que o contexto hispânico sustenta uma tríade comum -

religiosidade, identidade, humano -, e cada um desses elementos se apresentam como mecanismo por meio do qual as pessoas estruturam suas relações umas com as outras. As influências cristãs retomam e entrelaçam situações, pessoas, passado, presente e futuro; misturam fragmentos, fazendo da construção da história medieval e moderna um movimento circular de sentido.

Esse movimento circular muitas vezes é um recurso para se questionar a realidade em que vivemos. Na influência cristã, percebemos a sociedade consumindo a todos e não trazendo benefícios a muitos; os espanhóis circulam no mesmo lugar, pessoas morrem ou sofrem preconceitos. Nesta mesma influência, percebemos, ainda, a violência por meio da perversão do discurso e das ações das pessoas, perversão que ultrapassa o comportamento e o discurso dos mesmos.

A sensação de buscar o reconhecimento religioso dentro de si mesmo passa pela situação do abandono (pelos outros ou por si mesmos), acontece justamente porque ao mesmo tempo em que as pessoas estão dentro, estão fora, uma vez que a exclusão e a fragmentação da identidade transformam as pessoas em coisas.

## BIBLIOGRAFIA

### Edições de Josep M. Buades

BUADES, Josep M. *Os espanhóis*. São Paulo: Contexto, 2006.

### Estudos da Modernidade

ABDALA JR., Benjamin. *História, literatura e política*. São Paulo: Ática, 1989.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer – O poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burrito. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARGAÑA, A. E. *Acerca de identidades globalidades y fragmentos: uma conversación com Fredric Jameson*. Revista Iberoamericana. University of Pittsburgh. Vol. LXII, Julio-Diciembre 1996, números 176-177.

ARREGUY, Clara. O eu oculto. *Correio Braziliense*, Brasília, 25 já. 2003. Pensar, p. 03.

BARBOSA, Daniel. O inferno é o outro. *O tempo*. Belo Horizonte: 11 jan. 2003. Magazine, p. 01.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do mundo*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2007.

BORGOLTE, M. Wie Europa seine Vielfalt fand. In: JOAS, H., WIEGANDT, K. (Coord.). *Die kulturellen Werte Europas*. 2ª ed. Frankfurt am Main: Fischer, 2005. p.117-163.

\_\_\_\_\_. *Türkei ante portas. Osman, Osman, gib uns deine Legionen zurück: Mit dem Beitritt zur Europäischen Union wäre die im frühen Mittelalter begonnene Westwanderung abgeschlossen.* Frankfurter Allgemeine vom 21.2.2004, S. 39.

\_\_\_\_\_. *Christen, Juden, Muselmanen – Die Erben der Antike und der Aufstieg des Abendlandes 300 bis 1400 n. Chr.* (Siedler Geschichte Europas.) München: Siedler, 2006.

CONNOR, Steven. *Cultura Pós-Moderna – Introdução às Teorias do Contemporâneo.* São Paulo: Loyola, 1993.

DELUMEAU, Jean. *Medos de ontem e de hoje.* Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ENDRESS, G. *Der arabische Aristoteles und sein Leser. Physik und Theologie im Weltbild Alberts des Großen.* (Lectio Albertina, Bd. 6.) Munster, 2004.

FOUCAULT. *Microfísica do poder.* São Paulo: Forense Universitária, 2006.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELOS, A. C. *Manual para normalização técnico-científicas.* 7 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HERBERT, K. “Europäisierung” und “Afrikanisierung”. Zum Problem zweier wissenschaftlicher Konzepte und zu Fragen kulturellen Transfers. In: VALDEÓN B.; J., HERBERS, K.; RUDOLF, K. (Coord.). *España y el “Sacro Imperio”: procesos de cambios, influencias y acciones recíprocas en la época de la “Europeización” (siglo XI-XIII).* (Historia y Sociedad, Bd. 97.) Valladolid: Secretariado de Publ. e Intercambio Editorial, 2002. p.11-31.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos extremos.* Trad. Marco Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNG, Emma. *Animus e anima*. Trad. Dante Pignatari. São Paulo: Colares, 2006.

LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. São Paulo: Vozes, 1993.

SERRES, Michel. *Hominescências – o começo de uma outra humanidade?* Tradução E. de A. Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003.

TEIXEIRA, Joaquim de Sousa. *Ipseidade e Alteridade – uma Leitura da obra de Paul Ricoeur*. Volume I e II. Imprensa Nacional, Lisboa: Casa da Moeda, 2004.

TEXTE, Joseph. Os estudos de literatura comparada no estrangeiro e na França. In: *Literatura Comparada. Textos Fundadores*. Org. Eduardo Coutinho e Tânia Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

THIESSE, Anne-Marie. *La création d'identités nationales. Europe XVIII" - XX' siècle*. Paris: Seuil, 2001.

UBIETO A.; A., REGLÁ, J.; JOVER, J. M.. *Introducción a la Historia de la España*. 2ª ed. New York: Las Americas Publ. Co., 1965.

### **Edições e traduções**

REBOIRAS, Fernando Domínguez A Espanha Medieval, Fronteira da Cristandade. (tradução: Jean Lauand) Cemoroc-Feusp / IJI- Universidade do Porto, 2000.

### **Dicionários**

AZEVEDO, S. L. *Dicionário de nomes de pessoas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.